Contemporânea
Contemporary Journal
Vol.4 No.2: 01-19, 2024
ISSN: 2447-0961

Artigo

EPISTEMOLOGIAS DO NORTE E/OU DO SUL? UM OLHAR SOBRE A INFLUÊNCIA PARADIGMÁTICA DA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA NA AMAZÔNIA DO SÉCULO XXI

EPISTEMOLOGIES FROM THE NORTH AND/OR THE SOUTH? A LOOK AT THE PARADIGMATIC INFLUENCE OF CONTEMPORARY SCIENCE IN 21ST CENTURY AMAZONIA

¿EPISTEMOLOGÍAS DEL NORTE Y/O DEL SUR? UNA MIRADA A LA INFLUENCIA PARADIGMÁTICA DE LA CIENCIA CONTEMPORÁNEA EN LA AMAZONIA DEL SIGLO XXI

DOI: 10.56083/RCV4N2-108
Originals received: 01/02/2024
Acceptance for publication: 02/12/2024

Eneida Guerra Silvestrim
Mestra em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, Coroado I, Manaus - AM, CEP: 69067-005
E-mail: egsilvestrim@gmail.com

Michael Raphael Soares Vieira
Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, Coroado I, Manaus - AM, CEP: 69067-005
E-mail: michael.soares.vieira@gmail.com

Fernanda Guerra Silvestrim
Graduada em Gestão Ambiental
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, Coroado I, Manaus - AM, CEP: 69067-005
E-mail: ca.ecologica@gmail.com

Arlindo Almeida de Lima Filho
Graduado em Engenharia Civil
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, Coroado I, Manaus - AM, CEP: 69067-005
E-mail: arlindo.almeida.filho@gmail.com

Andrea Campos Guerra de Araújo
Especialista em MBA Internacional em Gestão Industrial pela Faculdade da Industria IEL
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, Coroado I, Manaus - AM, CEP: 69067-005
E-mail: andreaguerradearaujo@gmail.com

Rafael Guerra Silvestrim
Graduando em Engenharia Elétrica
Instituição: Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
Endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, Coroado I, Manaus - AM, CEP: 69067-005
E-mail: rafa88sc@gmail.com

Genilson Pereira Santana
Doutor em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, Coroado I, Manaus - AM, CEP: 69067-005
E-mail: gsantana2005@gmail.com

RESUMO: O contexto Norte/Sul no campo das epistemologias tem sido debatido sob os mais diversos prismas. Este estudo tem como objetivo geral explicar as Epistemologias do Norte e do Sul buscando compreender a Amazônia do século XXI. A Epistemologia do Norte representando um pensar colonial e dominante, enquanto as Epistemologias do Sul, caracterizadas por pela ideia de colonialismo, de somente um saber absoluto, de patriarcado. Enfim, as ideias de supremacia de A sobre B e este ideário possui uma explicação histórica ao evidenciar as diferenças entre as metrópoles e as colônias, para que a supremacia da Epistemologia do Norte fosse mantida, reforçando assim a ideia de colonizadores e colonizados. Utilizando a metodologia qualitativa com a pesquisa bibliográfica, foi possivel verificar que a "Epistemologias do Sul" representa um contraponto ao absolutismo que caracteriza a ideia de Epistemologia do Norte. A partir do reconhecimento de sua existência, o Norte deixa de ser a única fonte de conhecimentos válida no mundo. E, embora o "Sul" do qual é feito menção neste conceito não é geográfico, não somente os povos amazônidas, mas parte significativa da América Latina sofre até o presente momento com a imposição de uma cultura que não é a deles.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo Historico, Diversidade Epistemológica, Supremacia do Norte.

ABSTRACT: The North/South context in the field of epistemologies has been debated from the most diverse perspectives. The general objective of this study is to explain the Epistemologies of the North and South in order to understand the Amazon of the 21st century. The Epistemology of the North represents a colonial and dominant way of thinking, while the Epistemologies of the South, characterized by the idea of colonialism, of only absolute knowledge, of patriarchy. Finally, the ideas of supremacy of A over B and this ideology has a historical explanation by highlighting the differences between the metropolises and the colonies, so that the supremacy of the Epistemology of the North was maintained, thus reinforcing the idea of colonizers and colonized. Using the qualitative methodology with the bibliographic research, it was possible to verify that the "Epistemologies of the South" represents a counterpoint to the absolutism that characterizes the idea of Epistemology of the North. From the recognition of its existence, the North ceases to be the only valid source of knowledge in the world. And, although the "South" mentioned in this concept is not geographical, not only the Amazonian peoples, but a significant part of Latin America suffers until the present moment from the imposition of a culture that is not theirs.

KEYWORDS: Historical Colonialism, Epistemological Diversity, Supremacy of the North.

RESUMEN: El contexto Norte/Sur en el campo de las epistemologías ha sido debatido desde las más diversas perspectivas. El objetivo general de este estudio es explicar las epistemologías del Norte y del Sur en un intento de comprender la Amazonia del siglo XXI. La Epistemología del Norte representa el pensamiento colonial y dominante, mientras que las Epistemologías del Sur se caracterizan por la idea de colonialismo, de conocimiento único y absoluto, de patriarcado. En resumen, las ideas de la supremacía de A sobre B y esta ideología tienen una explicación histórica al resaltar las diferencias entre las metrópolis y las colonias, para que la supremacía de la Epistemología del Norte pudiera mantenerse, reforzando así la idea de colonizadores y colonizados. Utilizando metodología cualitativa e investigación bibliográfica, fue posible verificar que las "Epistemologías del Sur" representan un contrapunto al absolutismo que caracteriza la idea de la Epistemología del Norte. Al reconocer su existencia, el Norte deja de ser la única fuente válida de conocimiento en el mundo. Y aunque el "Sur" mencionado en este concepto no sea geográfico, no sólo los pueblos amazónicos, sino una parte significativa de América Latina ha sufrido hasta hoy la imposición de una cultura que no es la suya.

PALABRAS CLAVE: Colonialismo Histórico, Diversidad Epistemológica, Supremacía del Norte.

Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. Introdução

Apesar do questionamento no título de nosso estudo "Epistemologias do Norte e do Sul ? Um olhar sobre a influência paradigmática da ciência contemporânea na Amazônia do século XXI", não se visa aqui fomentar qualquer rivalidade entre estas duas epistemologias. A partir desta nomenclatura presente nos estudos de Santos (2008; 2014) e Costa (2018a), busca-se demonstrar a força que estas duas epistemologias possuem e a proposição de um diálogo entre estas duas visões de mundo.

Esta temática Norte/Sul no campo das epistemologias é debatida sob os mais diversos prismas, seja por estudos abordando de forma mais geral, seja por pesquisas que dedicam seu espaço a compreender um destes tipos de epistemologia

Norte e Sul representam duas regiões distintas e com características peculiares (Figura 1). É importante esclarecer que no caso das epistemologias esta questão geográfica não é o que define a dualidade existente entre estas duas linhas de pensamento (Santos, 2010). No decorrer do texto esta divisão e as nuances de cada epistemologia ficarão mais inteligíveis de serem compreendidas.

Figura 1. Norte e Sul

Fonte: FreePik

É importante considerar a obra de Chaui (2000), em relação à razão e às suas respectivas formas de interpretação. A abordagem sobre esta questão da epistemologia feita neste trabalho visa propor um (re)pensar para a Amazônia, região especial que integra a estrutura da chamada Gaia e que a razão pode ser interpretada de várias formas, pois não existe uma única epistemologia capaz de explicar todos os meandros atinentes a Amazônia (Chaui, 2000). Por esta razão, a ideia aqui defendida é a do dialogismo e respeito à diversidade epistemológica (Costa, 2018a).

Quando se mencionar o termo Amazônia no senso comum, automaticamente vem a ideia da sustentabilidade (Dempsey Et Al., 2011; Elkington, 2001; Feil; Schreiber, 2017), posto que esta região possui forte apelo ambiental. Todavia, observando o que é tratado no campo das epistemologias quanto à região é necessário ir além desta imagem da floresta, do verde, do rio. Estas são marcas que emblematizam a Amazônia, mas não representam sequer a metade do que ela pode gerar em termos de discussão.

Estas discussões sobre as Epistemologias de Norte e Sul e as discussões sobre a temática da razão são vistas aqui sob a lente da Filosofia.

No entender de Chasssot (2003), há várias formas de se enxergar o mundo, desde o senso comum até o rigor e o caráter sistemático que são afetos aos estudos cientificos. Por sua vez, Freire (2010) defende que cada cidadão deva ser instruído o suficiente para poder efetuar sua leitura de mundo. No decurso do estudo, primeiramente se discute sobre os principais aspectos pertinentes a razão consoante Chaui (2000) para que em seguida se compreenda o que é Epistemologia do Norte e do Sul.

Este estudo possui como objetivo geral explicar sobre as Epistemologias do Norte e do Sul e, a partir deste entendimento propor a diversidade epistemológica como forma de se compreender a Amazônia do século XXI. Compreender a ideia de razão conforme as teorias presentes em Chaui (2000) e descrever os difetentes aspectos da Epistemologia do Norte e Epistemologia do Sul.

O termo "Amazônia" remete a uma das regiões mais *sui generis* da Terra. Assim, as discussões sobre este tema sob uma única lente, conforme diria Chassot (2003) não é suficiente para explicar o patamar da imensidão cultural, social e biológica existente nesta região. Surge aí o dialogismo entre as epistemologias visando a geração de mais saberes concernentes aos desafios a serem enfrentados pela Amazônia no Século XXI.

Diante do gigantismo que é conexo a esta região, seja no que diz respeito ao território, aos rios, a biodiversidade e as suas riquezas, é oportuno reconhecer que uma única verdade absoluta, conforme é defendida nas conceituações da Epistemologia do Norte (Alves, 2017; Artuso; Dierich; Nunes, 2016; Matos Júnior, 2019; Messeder, 2014; Peixoto; Barbosa, 2016; Rocha; Zabatiero, 2021; Silva, 2018; Thees, 2021) não seria suficiente para explorar a imensidão de possibilidades culturais e sociais a serem estudadas na Amazônia.

E o que dizer das pessoas que vivem na Amazônia? Quando se menciona o termo "pessoas", diz-se respeito aos vários atores que coexistem neste ecossistema amazônico. Isto inclui os indígenas, os pescadores, os

extrativistas, os agricultores, os caçaadores e demais caboclos que por meio de seu trabalho buscam assegurar a sua subsistência. Há o retrato das capitas da Região Norte e o cenário do interior, quase sempre desolado e carente de políticas públicas. Falar de Amazônia é considerar diversas realidades coexistindo numa mesma região.

O estudo destaca-se na teoria, ao colaborar com o estado da arte pertinente ao Norte e ao Sul e na prática pela compreensão das epistemologias aqui em destaque como também pelos ensinamentos de Chaui (2000) lançar luz às discussões sobre a região amazônica no século XXI. Falar sobre a Amazônia implica debater sobre uma parte do Brasil que um dia já foi colonizada e pode ser caracterizada por estar no estado de clímax de sua sucessão ecológica (Lima et al., 2011). Todavia, além dos processos de mudanças ocorridas nos ecossistemas, faz-se necessário que estudos teórico-empíricos possam revelar mais detalhes sobre os sujeitos que moram nesta Amazônia. Isto inclui considerar a qualidade de vida numa região que nem sempre é bem assistida pelos governantes.

2. Procedimentos Metodológicos

A Metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Este recurso metodológico, aplicável a partir de consulta a livros, artigos científicos e demais materiais habilitados para uma construção científica. Gil (2019),.

A pesquisa também tem natureza descritiva e explicativa, buscando responder como determinado fenômeno acontece. Por sua vez, Fontelles, Simões, Farias e Fontelles (2009), consideram que os estudos de caráter descritivo buscam discriminar o objeto de investigação, de uma maneira isenta, sem julgar. Já considerando a perspectiva qualitativa de Minayo (2013), pode-se esclarecer a abordagem, se se mostrou adequado aos casos que desejam ser destacados pelo pelo pesquisador, conforme os contextos e as realidades sociais em que determinados fenômenos ocorrem.

3. Resultados e Discussões

3.1 O Racionalismo Atual e o Sujeito Epistêmico: Compreendendo os Fundamentos

Considerando a obra de Chaui (2000), no capítulo intitulado "A razão" é delineado com maestria sobre o que vem a ser razão, primeiramente apontando o caráter polissêmico atribuído a este termo, o qual no senso comum está atrelado com a ideia de ganho ou perda e dentre os muitos sentidos que são conexos com a palavra razão, observa-se que este termo comumente é associado a ideia de motivo, assertividade ou lucidez.

Além destes aspectos iniciais, esclarece a existência da razão objetiva (prisma de análise onde a realidae é racional) e razão subjetiva (vinculada a cada sujeito, mais precisamente a sua capacidade de moral e intelecto). Outro ponto destacado, no que refere à ideia de razão diz respeito à sua origem etimológica: o verbete latino *ratio* e o termo grego *logos* são as fontes da palavra razão, sendo que *logos* vem do sentido de contar, calcular ou juntar e *ratio* é originado do verbete *reor*, que significa contar, juntar e separar (Chaui, 2000).

Na Filosofia, o termo razão por muito tempo foi visto como sendo antagônico a ao conhecimento das aparências, às emoções e paixões, às crenças religiosas e ao êxtase místico. A abordagem da razão conta ainda com a descrição dos princípios atrelados a este termo, os quais são: a) princípio da identidade: o que é, é; b) princípio da não-contradição: se A é A, não é concebível haver relação deste A que seja divergente deste enunciado; c) princípio do terceiro excluído: ou A é x ou é y, sendo, portanto, descartada uma terceira hipótese, e; d) princípo da razão suficiente: os acontecimentos e fatos existem por uma razão (no sentido de motivo), a qual pode ser conhecida pela nossa razão (no sentido de gnoses ou conhecimento). Este último princípio não significa ser radical a ponto de

negar o acaso, mas sim, sempre que possível, buscar uma razão que justifique a su existência (Chaui, 2000).

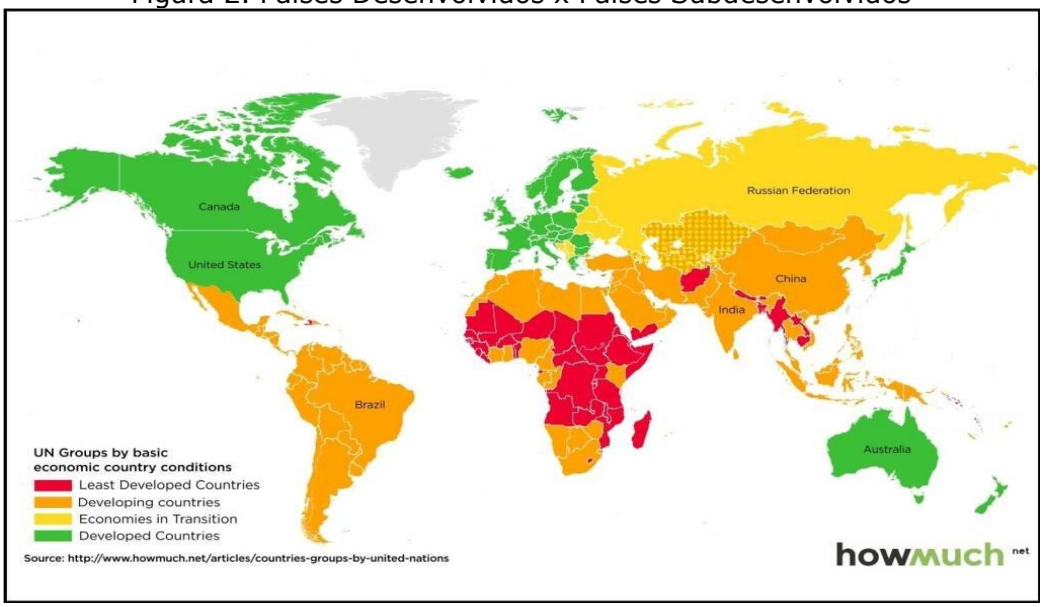
Considere-se ainda as divisões e subdivisões que auxiliam na compreensão da aplicabilidade da atividade racional. Observando uma diferença entre intuição e raciocínio. Enfatiza-se que a intuição remete à ideia de um entendimento global de uma dada verdade e pode ser sensível ou intelectual. Na forma sensível, a intuição diz respeito à percepção que temos a todo instante na vida, quando se observa um quadro que descreve uma paisagem amazônica, de imediato é possível detectar os elementos ali retratados. No que se refere à intuição intelectual, ela se caracteriza por sua univesalidade, ao passo em que o sujeito consegue identificar uma situação como verdadeira sem precisar examinar provas sobre ela (Chaui, 2000). Por sua vez, a atividade racional tem por base o raciocínio, o principal diferencial a ser observado diz respeito à necessidade de provas, o que já não é necessário na questão da intuição. Nesta vertente da razão, outras três classificações devem ser entendidas. A primeira delas diz respeito à dedução, a qual se caracteriza por partir de uma verdade já existente, a qual pode ser considerada como válida para explicar contextos mais específicos. Já na indução ocorre o contrário: a partir dos resultados obtidos em cenários particulares frisa-se que eles podem ser expandidos para contextos mais gerais.

Considerando as questões sobre "A razão: inata ou adquirida?", questiona-se se os princípios referentes à razão, bem como a diferença entre intuição e raciocínio, são conhecimentos que nascem com o sujeito ou ele aprende estas e outras gnoses ao longo da vida e na ânsia de explicar esta questão, são apresentadas duas vertentesa do inatismo, em que já nascemos com ideias verdadeiras, as quais, por esta razão, são inatas e no empirismo, cujo discurso versa que os aprendizados são obtidos ao longo da trajetória de vida dos sujeitos (Chaui, 2000). Neste contexto, tendo Platão como referência, no inatismo, o cidadão já nasce com a razão e com as ideias,

cabendo à Filosofia relembrar estes conhecimentos. Já no ideário de Descartes, há 3 possibilidades a serem aventadas: a) ideias vindas de fora (originadas das percepções e lembranças); ideias fictícias (as quais não são verdadeiras) e ideias inatas (estas sim, racionais). Oportuno esclarecer que tanto o empirismo como o inatismo possuem problemas pois, no caso específico do inatismo, é difícil explicar que uma ideia inata e verdadeira permaneça intacta e, no que se refere ao empirismo, a dificuldade existente diz respeito à questão do racional vinculado a realidade, independente de gostos ou costumes (Chaui, 2000).

Para buscar superar estes problemas, são apresentadas 3 possibilidades de resposta. A primeira considera Leibniz e estabelece a diferença entre verdades de razão onde a verdade é o que é, não podendo, portanto, assumir outra forma considearda como inata e de fato e a verdade de fato que, para existir, depende de memória, sensação e percepção, pois antecedem a experiência vivida sendo a verdade empirica. Já Imanuael Kant considerava que nem os inatistas e nem os empiristas estavam corretos, uma vez que nada seria cem por cento verdade. Além disso, o entendimento de que a estrutura da razão se manifesta antes e não após a experiência permitiria que algumas incongruências fossem corrigidas. Uma terceira possibilidade de análise dos problemas pertinentes a empirismo e inatismo considera a visão proposta por Hegel. Em sua linha de pensamento, tanto os inatistas, os empiristas e os kantianos se equivocaram ao não observar um caráter primal da temática até aqui destacada: a razão é histórica e a razão não é cem por cento objetiva ou subjetiva.

Figura 2. Países Desenvolvidos x Países Subdesenvolvidos



Fonte: http://www.howmuch.net/articles/countries-groups-by-united-nations

3.2 Epistemologias do Norte

Falar sobre a Epistmologia do Norte consideramos destacar alguns países, em especial aqueles situados no Continente Europeu, mais especificamente: Portugal, Espanha, França, Inglaterra e demais países que exerceram a sua dominação nas Américas e África. A história conta que o processo de colonização operacionalizado por estas nações não envolveu somente a morte de muitos nativos. Neste processo ocorreu também o epistemicídio, que seria a destruição da cultura não assimilada pela cultura (branca) ocidental. (Silva, 2018).

Figura 3: Cidade em país desenvolvido

Fonte: CNN

Figura 4: Cidade em país desenvolvido

Fonte: Get Images

Pode-se observar nas Figuras 3 e 4, cidades desenvolvidas, localizadas no Norte global.

Assim, a exemplo do que se vê em Marx (2017), a abordagem da Epistemologia do Norte possui uma classe dominante e outra dominada. Os dominantes são os colonizadores dos países já mencionados, os quais invadiram outros países e impuseram aos nativos suas culturas e seu modo de vida. Santos (2010) destaca que neste processo de colonização ocorreu

não somente a morte de pessoas, mas também o assassinato de outrasc culturas que não fossem as mesmas da classe dominante dos colonizadores.

Para efeito de exemplificação, até o descobrimento em 1500, os índigenas do Brasil viviam, plantavam, colhiam e cultuavam os seus deuses conforme as suas tradições. Com a chegada dos conquistadores europeus, toda esta rotina é abruptamente modificada. O culto aos ritos e mitos é substituído pela religião católica. A forma de falar dos europeus é ensinada nas escolas e outras formas de vida foram impostas junto aos índios que nada puderam fazer para continuar vivendo conforme suas tradições (Silva, 2018).

E, enquanto a chegada dos colonizadores representava um novo começo para esta categoria, os nativos da região viam os seus costumes serem literalmente destroçados, pois o futuro pertencia ao colonizador, não cabendo ao índigena se opor a este movimento de epistemicídio. Passados tantos séculos desde este episódio da história, o colonialismo agora se apresenta na forma de coloniedade (Santos, 2010).

Essa lógica da coloniedade é apoiada considerando que negros e índios são incapazes de aprenderem e ascenderem socialmente e que a ciência que realmente é confiável é a dos brancos (Silva, 2018). Na prática, a coloniedade é a continuação do menosprezo com o qual indígenas e negros foram tratados por séculos no Brasil.

É por esta razão que Pinheiro et al. (2019) afirma que a Epistemologia do Norte se notabiliza por ser de dominação. Em complemento a esta fala, Santos (2009) esclarece que a Epistemologia do Norte é comparada a um corte abissal onde são divididos dois grupos distintos. Aqueles que pertencem as colônias estão situados num local onde os conhecimentos são válidos. Já quem está nas regiões metropolitantas possuem cultura de menor valor.

Assim, a ideia principal da Epistemologia do Norte é esta: só os seus conhecimentos são válidos, não havendo espaço para outras gnoses e

sabedorias serem manifestadas. Até existem outros saberes e conhecimentos, mas eles são sumariamente suprimidos, de forma que eles não são divulgados e acabam sendo tolhidos da sociedade (Pinheiro et al., 2019). O discurso da Epistemologia do Norte é hegemônico, não aceita a existência de outras epistemologias, se apresenta como a única fonte crível de verdade e se autoproclama no direito de divulgar suas vantagens (Mignolo, 2003).

Aqui tem-se expressa de forma clara a questão da superioridade da Epistemologia do Norte, a qual se autoreconhece como absoluta (Junqueira; Schwambec, 2019). E, para que esta Epistemologia se mantenha como detentora única da verdade absoluta, faz-se necessário que haja dominação sobre as demais epistemologias existentes, semelhantemente ao que acontece com a questão da dominação sociopolítica (Santos, 2010). Assim, além de não reconhecer em hipótese alguma outra corrente de pensamento que auxilie na explicação dos fenômenos existentes, a Epistemologia do Norte tem por função precípua manter solidificado o pensamento científico moderno.

Em seu ideario, na Epistemologia do Norte prevalece a ideia de ser global (Alves, 2017). Mas, conforme visto em Santos (2007), esta negação da existência de outras culturas acaba demonstrando a visão monopolizante referente ao domínio dos saberes no planeta. Esta situação remente a Chaui (2000), ao considerar definições em sua obra sobre a razão.

Embora não faça parte do escopo do estudo fazer juizo de valor sobre este ou aquele conteúdo, pode-se pensar que é muito pretensioso após décadas de exploração oriundas do colonialismo haver por parte da Epistemologia do Norte o desejo de continuar sendo reconhecida como a única fonte de explicação dos fenômenos na Terra. Entende-se que o mundo atual é caracterizado por ser complexo, de maneira que só uma corrente de pensamento não se mostra suficiente para liderar o processo de explicação daquilo que ocorre no planeta (Alves, 2017).

O que se percebe até o momento na Epistemologia do Norte é um esforço em não reconhecer nem negar a existência de outros saberes. Com isso, cria-se a ideia de que só há uma verdade, não havendo outros pontos de vista a serem considerados.

A Epistemologia do Norte, ao se considerar a única fonte de conhecimento válida, exerce um domínio com relação às demais fontes de conhecimento. Desta relação desequilibrada de forças surge a colonização, posto que somente uma fonte de saber é válida, sendo que as demais fontes não possuem o seu valor devidamente conhecido (Rodrigues et al., 2016).

É oportuno destacar continuamente que, quando se menciona a expressão "Epistemologias do Norte", não se está fazendo menção a questões geográficas. Pode-se dizer que o Norte representa um pensar do tipo colonial, dominante e o único que se pode considerar crível. Isto se difere do ideario presente nas Epistemologias do Sul, as quais se caracterizam por saberes produzidos contra esta ideia de colonialismo, de somente um saber absoluto, de patriarcado (Santos, 2009). Assim, estes conhecimentos coloniais se notabilizam por serem hegemônicos e superiores aos demais tipos de gnoses e sapiências (Junqueira; Schwambec, 2019).

Estas ideias de supremacia de A sobre B é análoga a diversos episódios lamentáveis da humanidade. Para efeito de exemplificação, pode-se mencionar a perseguição da seita Ku Klux Khan aos negros nos Estados Unidos, as torturas e humilhações pelas quais os negros passaram no período que antecedeu a abolição da escravatura no Brasil em 1988 e as barbáries do governo alemão nazista contra os judeus nos campos de concentração. Conforme visto em Chauí (2000), tanto os inatistas como os empiristas cometeram equívocos em seus respectivos entendimentos sobre a razão. Assim, a autoproclamação da propriedade e da veracidade dos saberes não é uma postura congruente num mundo onde valores como empatia e diversidade estão cada vez mais em voga..

Esta Epistemologia dominadora é construída no meio da Modernidade. Tal qual acontece num processo de colonização, onde o invasor faz valer suas vontades contra a população nativa, a Epistemologia do Norte se impõe como verdade absoluta e inquestionável. A manutenção deste *status quo* de supremacia da Epistemologia do Norte foi possível por conta da intervenção militar, econômica e política, instrumentos estes utilizados no capitalismo e colonialismo (Santos; Meneses; Nunes, 2005).

Ao divulgar a sua verdade como sendo única, os praticantes e mentes pensantes da Epistemologia do Norte buscam solidificar o seu ideário de superioridade. No entendimento de Costa (2018a), esta estratégia da Epitesmologia do Norte significa que não há outras fontes de gnoses e saberes a serem exploradas, o que impediria a existência e reconheciemento de novos horizontes e conhecimentos.

Este discurso chega a ser um paradoxo num planeta tão plural e multicultural como é a Terra. As diversas culturas das quais se tem conhecimento hoje foram criadas e fixadas no decurso da evolução da humanidade. Na sociedade contemporânea, embora há valores universais, cada país possui suas leis, seu idioma, suas expressões típicas, seus códigos de conduta, dentre outros itens que lhe conferem singularidade.

Entretanto, à luz do que se vê em Freire (2010), nesta questão das epistemologias há tanto a figura do opressor como também existem os oprimidos. No caso específico da Epistemologia do Norte, é como se existisse um sistema cujos integrantes devam por obrigação reconhecer somente aquilo que é pertencente a Epistemologia do Norte em termos de verdade ou conhecimento.

Ainda que um dos fenômenos que caracterizem o mundo atual seja a globalização, isto não impede que esta supremacia da Epistemologia do Norte seja mantida. Isto porque a cultura opressora não permite que existam outras formas de conhecimento, reforçando assim a ideia de colonizadores e colonizados. Tendo o Brasil como ponto de referência, muito

do que se vê hoje em termos de descaso com os negros, indígenas e demais grupos tidos como vulneráveis é resultado de décadas de políticas excludentes, as quais não privilegiavam estes grupos (Pazzini; Paglia Júnior; Sparemberger, 2016).

É neste sentido que Santos (2010) defende que as outras culturas e saberes que não são vistas como parte da Epistemologia do Norte devem ser divulgadas e assim serem vistas como uma realidade frente ao chamado eurocentrismo e as narrativas que se mostram como centralizadoras.

3.3 Epistemologias do Sul

A hipótese da Epistemologia do Sul não é rivalizar ou ser inimiga da Epistemologia do Norte, mas sim, a de dialogar e reconhecer a diversidade epistemológica tão necessária para explicar os fenômenos que ocorrem em nosso planeta. Assim, existem mais possibilidades de se compreender um mesmo tema, a partir da existência de mais de um pontod de vista que auxilie na sua respectiva explicação.

Quando se menciona esta questão da Epistemologia do Sul, um dos maiores desafios não é nem a abertura do espaço para outras culturas que não sejam a da lógica dominante. Na visão de Alves (2017), os conhecimentos oriundos do Sul nem sempre são bem-vindos pelos representantes da Epistemologia do Norte. Para isso há uma explicação que é a negação. O relato de povos que foram por séculos oprimidos por outras nações tendem a retratar esta triste realidade, o que na visão dos opressores soa como inverdade. Em síntese: não é interesssante para a Epistemologia do Norte que os povos outrora massacrados tanto física como culturalmente tenham voz para expor suas ideias. Isto definitivamente não é uma forma democrática de se trabalhar o saber.

A Epistemologia do Sul representa uma excelente oportunidade para que conhecimentos que estavam por décadas esquecidos sejam

disseminados e assim dar visibilidade à identidade dos povos do Sul do planeta, no qual os amazônidas estão incluidos. Este resgate é deveras relevante, posto que corrige uma histórica injustiça causada pelo desejo imparável de supremacia da Epistemologia do Norte (Santos, 2010).

Outro motivo que faz com que a Epistemologia do Sul não seja bem-vinda e bem quista pela Epistemologia do Norte é a própria característica excludente que caracteriza esta corrente de pensamento. A lógica é: o que se enquadra nos padrões da Epistemologia do Norte é aceitável, é válido e crível. O que não se encaixa neste perfil é visto como feio, ultrapassado, sem qualidade e descartável (Dantas, 2014). Esta diferenciação é uma forma explícita de não se reconhecer a diversidade e o pluralismo que tanto caracterizam o mundo hodierno.

Pode-se considerar que um dos itens que mais são importantes para a Epistemologia do Sul diz respeito à comunicação. Isto é explicado por Prado (2015) quando destaca que os povos colonizados devem mudar a sua perspectiva que outrora era a da subserviência aos dominantes para buscar o conhecimento e, por meio disso, romper com os laços do colonialismo. Isto remeteo ao ideário de Freire (2010), para quem a educação liberta.

O uso do termo "libertar" á luz dos pensamentos freirianos (Freire, 2010) é bastante pertinente para a discussão da Epistemologia do Sul. A supremacia defendida de forma ferrenha pela Epistemologia do Norte pode ser comparada como uma espécie de prisão, onde apenas uma parte do planeta é detentora de todos os saberes e gnoses existentes no planeta. Para a parte restante do mundo que não é autora destas criações, não sobraria outra alternativa que não fosse reconhecer a sua condição inferior.

Ao fazer uma breve reflexão sobre determinados momentos da história, nota-se que esta postura segregadora nunca trouxe benesses reais para a sociedade. Para efeito de exemplificação, pode-se mencionar o governo nazista alemão de Hitler, bem como a forma como os conquistadores

europeus impuseram sua cultura sobre os nativos indígenas. À luz de Santos (2010), nestas duas ocasiões a humanidade testemunhou o epistemicídio.

Além desta mudança de perspectiva, os conhecimentos aprendidos por estes sujeitos devem ser compartilhados para incentivar outras pessoas a também se libertarem da ignorância. Trazendo esta discussão para o âmbito acadêmico, uma das temáticas que se mostram congruentes com esta ideia é a divulgação científica (Andrade, 2016). Isto é importante para mostrar que os povos do Sul, outrora escravizados e alijados de suas culturas podem e devem criar seus própros saberes e compartilhar com a humanidade o resultado de suas criações.

Em síntese, ao invés de se debater a supremacia do conhecimento por parte dos líderes da Epistemologia do Norte, o que se busca com as discussões da Epistemologia do Sul é debater sobre a chamada ecologia de saberes. No que refere a esta expressão, Santos (2009) esclarece que cada conhecimento só existe porque está contido numa pluralidade de saberes, o que implica reconhecer que é necessário utilizar outros saberes para poder compreender a si mesmo. É preciso que esses outros saberes sejam conhecidos e comparados com outras sapiências existentes.

Neste contexto, a ecologia de saberes pode ser entendida como o reconhecimento de outros saberes existentes no mundo, processo este que considera o pluralismo de ideias, bem como a existência de outras formas de saber, além dos conhecimentos científicos existentes (Rodrigues et al., 2016). Na perspectiva da ecologia de saberes, a questão imperiosa de que os únicos saberes válidos eram oriundos da Região Norte deixa de existir sendo, portanto, uma quebra de paradigma ao ideário absolutista e fechado em si da Epistemologia do Norte.

Assim, a imagem da colonização dá lugar ao diálogo com vistas a suplantar a supressão dos conhecimentos do Norte com relação aos saberes do Sul (Santos; Meneses, 2010). É oportuno demonstrar os passos necessários para que esta relação de subserviência entre Norte e Sul deixe

de existir. Para o alcance desta finalidade é preciso que: a) existam novos processos de produção e valoração de conhecimentos; b) estes conhecimentos possam ser científicos ou não científicos; c) ocorra o reconhecimento das interfaces possíveis entre os diversos tipos de conhecimento; d) sejam consideradas as práticas dos grupos sociais que sofreram os impactos da colonização e do capitalismo (Santos, 2010).

Além disso, debruçar o olhar sobre as culturas que notadamente sofreram com esta opressão colonizadora com vistas a valorizar os saberes provenientes destes povos. A ideia até então defendida de que só existia uma única fonte de conhecimento faz com que as culturas que integram as Epistemologias do Sul sejam vistas como inferiores ou de pouco valor, o que não é verdade. A partir da quebra deste paradigma, o que se observa é que há a possibilidade de resgate destas culturas esquecidas por estarem relegadas ao segundo plano, mas também é possível aventar a construção de uma sociedade mais justa (Santos, 2010).

Este processo é chamado de descolonização do saber e visa recuperar não somente os conhecimentos, mas também as práticas sociais que acabaram sendo suprimidas com o avanço da colonização. Durante séculos, tudo isto foi visto como tendo pouco ou nenhum valor, enquanto que a Epistemologia do Norte usufruía de toda a credibilidade por ser, até então, a única fonte válida de connhecimento (Santos; Meneses, 2010). Isto culmina no chamado pensamento pós-abissal, o qual reconhece a existência de outros saberes no mundo que não sejam aqueles cuja exclusividade é atribuída a Epistemologia do Norte (Rodrigues et al., 2016).

Pode-se dizer que na perspectiva da Epistemologia do Sul, não há dominância de saberes, nem privilégio ou condição de superioridade deste conhecimento, enquanto outro saber é visto como inferior ou sem valor. Esta visão excludente, em nada colabora para que haja a democratização tanto no que compete ao acesso como também à partilha de inteligências geradas, independentemente do seu local de origem. A própria divisão entre Norte e

Sul presume a existência de uma dualidade. O que se pode perceber é que esta visão dual e segregadora é muito presente na Epistemologia do Norte.

No ideário da Epistemologia do Sul, à luz dos ensinamentos de Santos (2009; 2010), o que se observa é a tentativa de romper com este *status quo*, promovendo o compartilhamento de saberes, a quebra de paradigmas, a visão mais equânime sobre a validade dos conhecimentos. Estes são valores que se mostram positivos numa sociedade que se caracteriza por ser cada vez mais conectada (Castells, 2005; Kriezyu, 2019). Assim, enquanto a Epistemologia do Norte luta para manter sua supremacia, a Epistemologia do Sul apregoa um caminho inverso, pautado na democratização do saber.

Figura 5: Cidade de Manaus

Fonte: Agencia brasil EBC

A Cidade de Manaus (Figura 5), embora localizada no Sul global, é um exemplo de desenvolvimento no seculo XXI.

4. Considerações Finais

O que se pode observar, tendo como base o que Chaui (2000) trouxe como conhecimentos é que uma só teoria ou um só prisma de análise é muito pouco para explicar a multiplicidade de saberes existentes na Amazônia. É necessário compreender que na região não existem somente os indígenas. Coexistem nesta mesma região os pescadores, os roceiros, os extrativistas (juteiros, seringueiros, etc). Todavia, a Amazônia também é formada por posseiros, grileiros, madeireiros, biopiratas e demais elementos humanos que a cada dia contribuem em dizimar a biodiversidade amazônica.

Estas formas elencadas de quebra das normas e leis de proteção à natureza são aquelas que todos conhecem como ilegais. Se por um lado, na época da colonização, o que existia era a supremacia do branco sobre os índios e negros, na atualidade existem grupos de interesse que agem para atender aos seus anseios, não importando se para isso a natureza deva ser degradada. E considere-se que existem também as formas legalizadas de destruição da natureza.

Isto é demonstrado por Fearnside (2015), cujo estudo demonstra o mau que as hidrelétricas causam para o equilibrio dos ecosssitemas amazônicos. Infelizmente, estudos desta natureza acabam não sendo divulgados como deveriam porque tocam em assuntos delicados e que cuja crítica contraria o interesse de grupos com poderio econômico. O mesmo se aplica aos grileiros, aos biopiratas e demais criminosos que atuam na Amazônia.

Assim, numa perpesctiva voltada para a Epistemologia do Sul, é necessário que sejam feitas pesquisas que possam retratar estas realidades. Conforme dito no início deste estudo, a Amazônia representa o ponto máximo da sucessão ecológica, atingindo o seu clímax (Lima et al., 2011). O que ocorre é que esta riqueza é explorada muitas vezes de forma ilegal e não se observa da parte do Poder Público medidas mais enérgicas no sentido de

arrrefecer tais práticas. O mundo clama por melhores políticas de preservação do meio ambiente diante da relevância da Amazônia para a questão da sustentabilidade.

O assassinato cultural mencionado por Santos (2010) se mostra presente nos dias atuais, não mais na forma de colonialismo, mas sim de coloniedade (Silva, 2018). A Amazônia em termos de extensão é continental. Efetuar uma padronização do modo de vida dos amazônida conforme o pensamento centralizador da Epistemologia do Norte é algo que não atende às necessidades desta região em termos de geração de conhecimentos. A própria essência da Amazônia é plural e diversa, não cabendo a ela rótulos ou estereótipos.

O que se pode trabalhar no campo acadêmico com vistas a iniciar uma suplantação desta suposta supremacia do pensamento colonial é a feitura e divulgação de estudos que retratem a realidade amazônica. A Região Norte possui diversas peculiaridades que ainda são pouco exploradas em estudos acadêmicos. Para efeito de exemplificação: um dos temas mais em voga no campo da educação ambiental é a agroecologia. Entretanto, muito pouco se sabe com relação as práticas neste sentido desenvolvidas no campo amazônico. Seria preciso estimar quantas iniciativas agroecológicas existem na Região Norte e quais os projetos que mais se destacam e se há de farto, incentivo da prática da agroecologia nas escolas. Estes são apenas alguns questionamentos iniciais que podem ser respondidos a partir de estudos teórico-empíricos.

Existem muitas outras áreas a serem exploradas e os programas de mestrado e doutorado, sobretudo aqueles que lidam com as Ciências Sociais podem se encarrregar de trazer à tona as realidades que até então estão ocultas. Isso é necessário para fortalecer a Epistemologia do Sul. Não se pode esquecer da relevância da divulgação de tais pesquisas. Isto é importante até mesmo para encorajar a realização de outros estudos que possam robustecer o estado da arte pertinente aos estudos amazônicos.

O potencial de produção dos programas *stricto sensu* no Brasil, mais especificamente na Região Norte é promissor e a depender das temáticas trabalhadas nas pesquisas, importantes lacunas de conhecimento tendem a ser preenchidas. A Amazônia enquanto região é plural, miscigenada. Não se pode buscar entender as dinâmicas sociais que aqui acontecem com um único pensamento, uma única forma de se compreender o mundo.

Acontece que boa parte do que é produzido em termos de riqueza neste estado fica concentrado na capital Manaus. Com isso, tem-se municípios no interior, como, por exemplo, Atalia do Norte, o qual ocupa o 3° pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil (Ministério Público Do Amazonas, 2013). Além disso, este sucesso do modelo Zona Franca de Manaus fez com que houvesse um crescimento exponencial da cidade de Manaus, o que acabou culminando em grandes impactos para o meio ambiente. Um exemplo emblemático deste fenômeno é a extinta invasão Monte Horebe, na Zona Norte de Manaus, a qual devastou uma área considerável que foi reintegrada pelo governo do Amazonas (Silvestrim et al., 2021). Também, importante considerar que *"a partir da criação da Zona Franca de Manaus, em 1967, os resíduos sólidos urbanos se tornaram um sério problema em toda a área urbana da cidade de Manaus" (*Silva, W. P.; Santana, G. P, 2010).

Analisando este contexto aqui descrito, é preciso considerar que uma única fonte de conhecimentos como forma de se explicar o que acontece no mundo, conforme imposto pela Epistemologia do Norte, não se mostra suficiente para explicar uma realidade tão complexa como a do estado do Amazonas. De um lado, tem-se um Polo Industrial de Manaus que apesar dos efeitos da pandemia de Covid-19 vem se mantendo pujante no que se refere a geração de empregos e lucros de suas fábricas. De outro, uma cidade que explodiu populacionalmente nos anos 1990 e 2000 e que sofre com os mesmos problemas de uma metrópolo urbana: desemprego, violência, poluição ambiental, dentre outros.

Quando se menciona o termo desenvolvimento, automaticamente se vincula este verbete a ideia de crescimento e progresso. Nos últimos tempos, a ideia mais defendida é a do desenvolvimento sustentável, onde a dimensão econômica é associada como a dimensão ambiental e social (Dempsey et al., 2011). Todavia, não é isto o que acontece hoje na cidade de Manaus. Esta cidade ainda está longe de ser considerada, de fato, uma cidade sustentável. O desenvolvimento neste sentido não pode ser atrelado somente aos indicadores econômicos positivos, mas alcançar também os municípios do estado com políticas públicas que deem mais cidadania para estas pessoas (Lopes Filho, 2021).

Num momento importante para o planeta, o qual busca se reerguer de uma pandemia de Covid-19, a promoção de estudos que tragam à baila a realidade amazônica se mostra válida por dois motivos. O primeiro deles é tirar do anonimato realidades que não são conhecidas por outras parts do Brasil. O segundo tem a ver com a possibilidade destes saberes produzidos subsidiarem políticas públicas que possam minorar o sofrimento do povo amazônida com relação a uma série de itens que se mostram precários, como, por exemplo, educação, saúde e trabalho. As realidades existentes na Amazônia são complexas e carecem de estudos que possam dar mais visibilidades a estes contextos com vistas a buscar as soluções aos problemas existentes. É neste sentido que a Epistemologia do Sul pode contribuir para a melhoria deste quadro social.

No que se refere à Amazônia do século XXI, ainda existem muitas temáticas para serem exploradas explorados, considerando esta dualidade entre a supremacia da Epistemologia do Norte e o pluralismo da Epistemologia do Sul. Em concordância com a ideia da ecologia de saberes proposta em Santos (2010), seria oportuno que os estudos feitos no nível *stricto sensu* (mestrado e doutorado) descrevessem realidades pouco conhecidas no campo das Ciências Sociais. Sendo a Epistemologia do Sul não somente uma quebra de paradigmas, mas também o reconhecimento da

existência de outros saberes, é preciso que estes conhecimentos sejam exteriorizados em forma de pesquisas científicas validadas e de fácil acesso pela comunidade acadêmica.

O estado do Amazonas sozinho possui diversas realidades que podem ser descritas pelo olhar das Ciências Ambientais, Administração, Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, dentre outros.

Embora seja reconhecida a diversidade epistemológica defendida por Santos (2010) e Costa (2018a), faz-se necessário, além do reconhecimento, externalizar esta diversidade por meio de pesquisas científicas. Os programas de mestrado e doutorado da Região Norte podem colaborar com a consecução deste objetivo, gerando saberes, aprofundando conhecimentos e descrevendo situações que podem não apenas enriquecer o estado da arte pertinente aos assuntos de pesquisa como também estimular a feitura de novos estudos. Com isso, a Epistemologia do Sul pode se robustecer e ser reconhecida como uma fonte válida e existente de produção e disseminação de conhecimentos.

Enfatiza-se que a Região Norte possui diversas realidades ainda pouco exploradas e que podem protagonizar estudos teórico-empíricos que possam por meio de seus resultados desvelar estes contextos. Além da produção de saberes, outro ponto a ser destacado diz respeito a divulgação científica (Andrade, 2016). Reitera-se a relevância que os estudos científicos possuem para o robustecimento da ciência, mas concomitante a isso, faz-se necessário uma divulgação mais maciça destas pesquisas.

Referências

ALVES, A.B. O pós-colonialismo: por uma nova epistemologia das Ciências Sociais no Sul. **Bilros**, v.5, n.8, p. 50 – 64, 2017.

ANDRADE, T.S.S. **A importância da divulgação científica em procesos formativos de professores no ensino tecnológico.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2016.

ARTUSO, V.; DIETRICH, L.J.; SOUZA, M.V. Jeroboão e os reis de Israel: uma análise dos pressupostos epistemológicos da história deuteronomista. **Interações**, v.15, n.2, p. 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

CHASSOT, A.I. **Alfabetização científica:** questões e desafios para a educação. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2003.

COSTA, L.R.F.M. *Haluhalunekisu* e as epistemologias constitucionais do Sul. **Conpedi Law Review**, v.4, n.2, p.350 – 371, 2018.

COSTA, L.R.F.M. *Haluhalunekisu* à procura por alternativas descoloniais no Brasil. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

DEMPSEY, N. et al. A dimensão social do desenvolvimento sustentável: definindo a sustentabilidade social urbana. **Desenvolvimento Sustentável**, v.19, n.5, p. 289 – 300, 2011.

ELKINGTON, J. **Canibais com garfo e faca.** São Paulo: Makron Books, 2001.

FEIL, A. A.; SCHREIBER, D. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cadernos Ebape. BR**, v. 15, p. 667-681, 2017.

FEARNSIDE, P. M. Impactos sociais da hidrelétrica de Tucuruí. Hidrelétricas na Amazônia, p. 37, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

Fontelles, Mauro José; Simões, Marilda Garcia; Farias, Samantha Hasegawa; Fontelles, Renata Garcia Simões. **Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa,** 2009.

Gil, Antonio Carlos, 1946 –**Como elaborar projetos de pesquisa** / Antonio Carlos Gil. – 6. ed. – São Paulo : Atlas, 2019.ISBN 978-85-97-01292-7

JUNQUEIRA, M.L.; SCHAMBECK, R.F. A formação docente em música e sua realidade profissional: uma linha abissal. *In*: XV CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO. **Anais...**Lisboa, Portugal, 2021.

LIMA, R.B.A. et al. Sucessão ecológica de um trecho da Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas, Carauari, Amazonas. Pesquisa Florestal Brasileira, v. 31, n. 67, p. 161 – 172, 2011.

MARX, K. A miséria da filosofia. São Paulo: Boitempo, 2017.

MATOS JÚNIOR, C.C. A perspectiva das vítimas e a teoria social contemporânea: entre memórias do passado e futuros alternativos. **Estudos Ibero-Americanos**, v.45, n.2, p. 26 – 35, 2019.

MESSEDER, S.A. Uma existência de gozos, bonitezas, perdas e danos: reflexões e práticas sobre sexualidade e atos performativos de gênero em nosso cotidiano. **Revista Espaço Acadêmico**, n.154, p.18 – 30, 2014.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado da identidade em política: Cadernos de Letras da UFF, n.34, p. 287 – 324, 200LOPES FILHO, E.J.B. Práticas pedagógicas no ensino médio integrado: proposição de um catálogo de produtos educacionais na EETEPA Campus Santarém. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

MINAYO, M. C. S. ***O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.*** *São Paulo: Hucitec, 2013*

MINISTÉRIO PÚBLICO DE CONTAS ESTADO DO AMAZONAS. Município do interior do Am tem o 3° pior IDH do Brasil, aponta ONU. ***Portal MPC****, 31 de julho de 2013. Disponível em:* https://mpc.am.gov.br/?p=6395*. Acesso em: 20 jul. 2022.*

PAZZINI, B.; PAGLIA JÚNIOR, G.; SPAREMBERGER, R.F.L. **A segregação no Brasil e a utopia da igualdade racial: reflexões a partir da História, da Literatura e do Direito**. *In*: MENESES, M.P.; MARTINS, B.S. (orgs.). In: IX Edição do Congresso Ibérico dos Estudos Africanos. **Anais...** Colégio de Sâo Jeronimo, Coimbra, Portugal, 2016.

PEIXOTO, M.A.N.; BARBOSA, I.S. A relação epistemológicos entre as avaliaões de larga escala e a configuração da educação. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v.9, n.19, p. 1 – 10, 2016.

ROCHA, A. S.; ZABATIERO, J. Epistemologia decolonial na literatura profética do Antigo Israel. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v.14, n.40, p. 143 – 190, 2021.

RODRIGUES, C.C. F.M. et al. Ensino inovador de enfermagem a partir da perspectiva das epistemologias do Sul. **Esc. Anna Nery**, v. 20, n.2, p. 384 – 389, 2016.

SANTOS, B.S. **Refundación del Estado en América Latina:** perspectivas desde una epistemologia del Sur. Lima: IIDS, 2010.

SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In*: SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, B.S. **Epistemologies of the south:** justice against epistemicide. London: Paradigm Publishers, 2014.

SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B..S; MENESES, M.P.; NUNES, J.A. Introdução. Para ampliar o cânone da Ciência: a diversidade epistemológica do mundo. *In*: SANTOS, B.S. (org.). **Semear outras soluções:** os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SILVA, J.A.F. Modos de educação. **Articul. constr. saber.**, v.3, n.1, p. 425 – 436, 2018.

SILVA, R.O.; NASCIMENTO-E-SILVA, D. Impactos do novo Coronavírus nas organizações e as inovações no mundo do trabalho, saúde e educação. *In*: XI COLÓQUIO ORGANIZAÇÕES, DESENVOLVIMENTO E SOCIEDADE – CODS. **Anais...** Universidade da Amazônia, Belém 10 e 11 de novembro de 2020.

Silva, W. P. ; SANTANA, G. P. . Percepção de lixo da população de Manaus (AM): A problemática da reciclagem. Caminhos de Geografia), v. 11, p. 34-42, 2010.

SILVESTRIM, E.G. et al. Uma visão sobre a degradação ambiental pelas ocupações irregulares na cidade de Manaus – AM. **Research, Society and Development**, v.10, n.16, 2021.

THEES, A. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. **REMAT**, v.18, ed. esp., 1 – 5, 2020.